

# DANÇA DO MARABAIXO: CULTURA AFROAMAPAENSE EM EVIDÊNCIA

*PIEIDADE LINO VIDEIRA<sup>1</sup>*

## **1- Introdução**

Nos últimos 20 anos, a pesquisa educacional vem dando importância a especificidade dos afrodescendentes nos processos educacionais formais, visando com isto, contribuir na formação de identidades culturais mais autônomas e livres das dominações eurocêtricas. O Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) reafirmam a importância desta especificidade e da necessidade da sua inclusão no processo educativo por intermédio da lei 10.639 de 2003 que modificou a Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o ensino da história e da cultura dos Africanos e Afrodescendentes na educação do Brasil. A lei mencionada foi modificada recentemente pela Lei n. 11.645/08 que tornou obrigatório também o ensino da história e cultura indígena na educação brasileira. A tomada de ação do governo federal é consequência de forte demanda social expressa pelos Movimentos Sociais Negros para a educação libertária dos afrodescendentes.

Um dos problemas que se apresenta para implantação da lei é o reduzido esforço de pesquisa em torno do conhecimento sistemático das culturas de base africanas e da sua inserção na cultura processada pelos sistemas educacionais formais. O exemplo supracitado, tem paralelo de semelhança nos enfoques da educação indígena. Este esbarra nas concepções identitárias e na compreensão da base de conhecimento de expressão diversa da européia.

Autores como, (Lima 1982, Cunha Jr. 2001), trabalham de longa data com pesquisa educacional voltada para os afrodescendentes e tendo como ponto de partida a cultura e a história de base africana. A filosofia africana tem sido o eixo de partida das abordagens. As pesquisas têm se concentrado em territórios de maioria afrodescendente

---

<sup>1</sup>Piedade Lino videira – Graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amapá/UNIFAP. Psicopedagoga pela Faculdade de Macapá – FAMA. Mestre e Doutoranda em Educação Brasileira pelo Programa de Pós – Graduação Stricto – Sensu da Faculdade de Educação / FACED – Universidade Federal do Ceará – UFC. Eixo Temático de Pesquisa: Movimentos Sociais Educação Popular e Escola. Linha Teórica: Sociopoética, Cultura e Relações Inter-Raciais. Bolsista da Fundação Ford.  
E.Mail: [piedadeciaafrobaraka@yahoo.com.br](mailto:piedadeciaafrobaraka@yahoo.com.br); [piedadevideira@bol.com.br](mailto:piedadevideira@bol.com.br)

e procurando o recolhimento dos repertórios culturais existentes nestas áreas específicas. Estes territórios podem ser comunidades de quilombos, grupos rurais e urbanos, comunidades religiosas (SANTOS, 1996).

O tema tratado tem sido com enfoque variado e multidisciplinar e a dança é uma parte importante e intrínseca da cultura africana e afrodescendente, sendo, portanto, de fundamental importância para a educação dos afrodescendentes, para a cultura nacional e também para a identidade plural do povo brasileiro (CUNHA JR.,1992). Esta pesquisa em particular sobre o Marabaixo, expressão cultural realizada pelas comunidades tradicionais de Macapá, Estado do Amapá, se coaduna com este campo de preocupações.

A pesquisa em torno do Marabaixo teve como principal enfoque a compreensão desta dança como uma complexidade apreendida socialmente, retirando-a das áreas da percepção da cultura negra como natural e de simplicidade de elaboração, trazendo para o campo das relações socialmente pensadas tendo como característica singular a originalidade.

Outro aspecto relevante é o estudo focado na base cultural africana e sua relação com as demais culturas. Este estudo tem como um de seus marcos conceitual os conceitos de africanidades brasileiras e afrodescendência, afastado do pensamento de caráter biológico e racial, se preocupando com as relações sociais e históricas apenas. Todo trabalho foi desenvolvido com vista ao Marabaixo realizado no bairro do Laguinho na cidade de Macapá.

A compreensão desta cultura, sua transposição para o campo da educação formal implica em algumas elaborações conceituais, que são apresentadas como principal contribuição deste artigo, na área da relação da linguagem artística e da educação pela dança.

A pesquisa realizada resultou em considerações metodológicas para o ensino do Marabaixo nas escolas e, de uma base conceitual para estudo de danças similares a esta. Como também em um rico acervo de informações contendo: 10 entrevistas semi-estruturadas de membros seniores do Marabaixo do Bairro do Laguinho, coleta e a transformação em partitura de 18 cantigas do Marabaixo, um CD com canções do Marabaixo, a diagramação das coreografias e passos da dança, de uma centena de imagens fotográficas e de vídeos relacionados com a história do Marabaixo e da comunidade local (VIDEIRA, 2004).

Portanto, levando em conta que o eixo diretor da pesquisa está nos valores civilizatórios africanos e nos conceitos de memória, territorialidade e afrodescendência, estes são explicitados a seguir.

## **2- A base conceitual**

O conhecimento, gnose ou filosofia africana, termos encontrado na literatura como sinônimos, tem o seu núcleo de partida nos valores civilizatórios africanos. Para o caso do estudo em questão quatro destes valores tem particular importância, a palavra, a ancestralidade, a comunidade e a religiosidade. A dança do Marabaixo tem um sentido primeiro religioso comunitário, ligado ao que define Cunha Jr. (2001), como Catolicismo de Preto, no mesmo sentido das Congadas e Reizados encontrados em diversas partes do país.

A reverência histórica, a hierarquia dos membros na organização das festas nos remete a ancestralidade. Também a localidade, o amor a terra e ao local de instalação da comunidade estão ligados à idéia de ancestralidade.

A palavra é a forma de registro e documento verbal que serve para transmitir os conhecimentos as gerações vindouras de afrodescendentes, desta feita, não tem apenas a sonoridade como sentido. No conhecimento africano o tambor fala, por isto é um símbolo da comunicação sempre reverenciado. Além do mais, a palavra tem uma força criadora na concepção africana, sendo ela a portadora dos conhecimentos.

A reunião destes elementos e a análise, com relação a dança do Marabaixo e outras danças de origem africana, permiti dois avanços conceituais. A definição de Afrodanças, que sempre esteve vago na literatura sobre danças. A tipificação do Marabaixo antes definido apenas no campo das danças populares ou folclóricas de negros/as.

As Afrodanças segundo (Cunha Jr., 2002) são definidas como danças de expressão grupal de base africana, contendo elementos dos princípios civilizatórios africanos, tendo uma base percussiva musical, podendo ser no presente tanto ligada as expressões religiosas como não. Nesse sentido denominamos de Afrodanças “todas as danças de expressões africanas e afrodescendentes, realizadas prioritariamente em comunidades de maioria afrodescendentes, rurais e urbanas, nas comunidades de terreiro, casas religiosas, nas manifestações de festas populares, preservando suas

singularidades sem a espetacularização do todo que a constitui”. Nesta definição não nos preocupamos ainda com as danças de palco (VIDEIRA, 2004).

Isto posto, a Dança do Marabaixo, é uma afrodança realizada em várias localidades do Estado do Amapá, é definida como ‘Dança Dramática e Religiosa de Cortejo Afrodescendente’ (VIDEIRA, 2004). Faz parte, como é comum nas danças africanas, do ato de representar a história e a cultura do afroamapaense. Tem na sua forma de ser, parte da memória do negro amapaense. Faz parte do elo entre histórias individuais e coletivas do Estado do Amapá, desde sua ocupação populacional, no século XVII, quando chegaram os/as primeiros africanos/as. .

A afrodescendência é um enfoque teórico, baseado em etnia (CUNHA, 2001). A etnia é trabalhada sob a ótica da história sociológica. A afrodescendência não trabalha as idéias de raça- biológica ou social, e nem com a perspectiva de etnia da antropologia via relações de parentesco. Procura constante ligação entre a base africana, considerando esta diversa e receptível as contribuições externas ao continente africano, as experiências da diáspora, estas condicionadas aos ambientes do escravismo criminoso e do capitalismo racista (CUNHA, 2001). Tem como pano de fundo amplo da história as relações de dominação imposta pelo eurocentrismo. Relações estas que vão além das de trabalho capitalista. Trabalha com as relações históricas de dominação étnica para explicação da dinâmica entre africanos e europeus, entre afrodescendentes e eurodescendentes. Importante frisar que a afrodescendência não tem relação com o afrocentrismo difundido nos Estados Unidos em razão de não considerar a experiência histórica africana como cêntrica. A afrodescendência procura a dinâmica das relações múltiplas e complexas, levando em conta as relações de localidade, etnia, gênero e trabalho. Assim, para a pesquisa realizada sobre a dança do Marabaixo, o enfoque da afrodescendência e territorialidade vai valorizar a localidade, o território como espaço geográfico socialmente construído, no caso o Bairro do Laginho, e as relações com a cultura de base africana processada neste espaço criando o convívio social e o significado de comunidade afrodescendente (SANTOS, 1996).

### **3- Caracterização do Bairro do Laginho**

Nos gestos corporais, nas músicas, nos toques das caixas, a dança do Marabaixo conta a história que não foi escrita nos livros e não é ensinada nas escolas, mas que faz parte de tudo que vivemos e somos. É um retrato de uma parte de nossas vidas que não foi colocado nos álbuns de família, é a saída encontrada onde não havia porta. É um saber que passa pela vida, pelas

experiências do dia-a-dia, pelo sofrimento e pela alegria de quem aprendeu através do fazer (ENNES, 2001, S/p)

O título de um dos sambas de enredo da Escola de Samba Boêmios do Laguinho “Mar-a-cima, Mar-a-baixo de Ladrão em Ladrão a Saga de uma Nação”, sintetiza o que foi aventado no texto, sobre a trajetória de uma comunidade negra que morava na Vila Santa Engrácia, Praça de cima e Largo São João no centro da Vila de São José de Macapá e foi desapropriada de suas terras e remanejada para os ‘campos do Laguinho’ na década de 40. Daí então, se iniciou a construção de um território social e político pautado no desejo de seu povo e na força da tradição da cultura de base africana denominada de Marabaixo.

Da separação dos afrodescendentes, ‘uns indo para o Laguinho e outros para a Favela’, nasceu o Bairro do Laguinho. Território de maioria afrodescendente, lugar bonito que servia para as mulheres lavarem roupa e por ser um lago de muita “mandanga” - encantarias, estas jamais iam sozinhas para realizarem o trabalho diário, ou seja, estavam sempre em grupo. Na beira do lago eram contados tantos casos e histórias de inúmeros fatos inexplicáveis que se passavam, por isso o conselho sempre foi para não bulir com o que não se podia explicar. Isso era o que acontecia em relação aos fatos misteriosos e encantarias não compreendidos pelos leigos no assunto da comunidade.

A localidade do Laguinho foi escolhida pela comunidade no ano 1944 porque abrigava as roças dos moradores, muito antes de serem remanejados do centro comercial da cidade de Macapá<sup>2</sup>.

A desapropriação da comunidade do centro de Macapá e o remanejamento para o bairro do Laguinho, tiveram início após a chegada do Capitão Janary Gentil Nunes, governador militar indicado pela ditadura getulista, à cidade de Macapá, em 25 de janeiro de 1944. Não foi uma mudança sem resistências por parte da comunidade. O governo com sua forma autoritária de governar, baseou seu programa de governo na tríade “Sanear, Educar e Povoar”. Também inicia-se nesta época um ciclo de perseguição pela igreja católica contra a prática do Marabaixo (MACIEL, 2001).

---

<sup>2</sup>Nome: O vocábulo Macapá é de origem tupi. E é uma variação de macapaba, que na língua dos índios quer dizer estância das macabas ou lugar de abundância da bacaba. - Bacaba é um fruto gorduroso originário da bacabeira, palmeira nativa da região de onde se extrai um vinho de cor acinzentada, muito saboroso. A bacabeira tem o tronco solteiro, liso que cresce até 20 metros de altura e é marcado por anéis correspondentes às cicatrizes, suas folhas são, crespadas e medem de 4 a 6 metros de comprimento. Possui também uma bainha verde-escura, que mede, cerca de um metro de altura, formando a região colunar no ápice da estípeti, etc...

Os campos do Laguinho possuíam também grandes árvores denominadas, segundo Benedita Guilherma Ramos (Tia Biló), de Paricaseiro, Lacre e Caimbezeiro, esta última as folhas serviam para ariar panelas e, todas as árvores especificadas serviam para abrigar membros da comunidade do sol intenso. Serviam ainda, para os “ladronistas”<sup>3</sup> se inspirarem para tirar os ladrões de Marabaixo e ainda como palco de sonhos e imaginações do que era a vida e do que seria mais adiante.

A comunidade do bairro do Laguinho é também uma comunidade católica, concomitante devota da religiosidade afrobrasileira, umbanda e espiritismo, e ainda devota de vários santos, por isso, em todas as casas existiam oratórios, os quais são tradição<sup>4</sup> herdadas de seus parentes e retransmitidas a seus descendentes. Existia ainda uma grande quantidade de pessoas batizadas com nomes de santos/as, os motivos variavam, iam desde promessas, graças alcançadas até pura devoção. Esse cenário marca a história de uma comunidade de afrodescendentes que conseguiu no novo território impor sua vontade e defender suas escolhas. Dessa maneira, até o nome do padroeiro do bairro, São Benedito -1ª capela de santo existente no bairro descrito, hoje da lugar a igreja do santo de mesmo nome, foi escolhido por Dona Felicinha, moradora antiga do lugar.

Historicamente o bairro do laguinho é um território de maioria afrodescendente e conhecido como “Nação Negra”, e é sede de manifestações culturais afrodescendentes diversas, dentre elas, a Escola de Samba Boêmios do Laguinho, que chega a desfilar no carnaval com até 3000 brincantes, e também, a União dos Negros do Amapá, entidade do movimento social negro amapaense que possui das maiores estruturas arquitetônicas do Brasil, construída com verba do poder público estadual local.

Portanto, falar de Laguinho é, sobretudo falar de lembranças, memórias, corpos, bailados, Marabaixo, samba, gengibirra, cozidão, Santíssima Trindade, Divino Espírito Santo, sentimentos e saudades dos que já partiram e a renovação dos sonhos para o futuro nos rodopios de crescimento das crianças e jovens que demonstram orgulho e desejo de escreverem mais capítulos dessa inesgotável história como veremos a seguir.

---

<sup>3</sup>Estamos chamando de “ladronistas” os membros da comunidade e foliões do Marabaixo que tinham habilidade com a arte de tirar os ladrões, versos que compõem as Cantigas Marabaixo.

<sup>4</sup> Até os dias atuais as famílias tradicionais do bairro do Laguinho, Favela e Comunidades Quilombas, tem a tradição religiosa de cultuar os santos de seus oratórios particulares.

#### **4- Descrição da Dança do Marabaixo**

A “Nação Negra” como é intitulado o bairro do Laguinho por seus moradores, recebeu a Dança do Marabaixo como herança de seus pais, avós e familiares em geral, os quais receberam de seus ancestrais africanos como enfatizam seus mantenedores e brincantes para manterem-na com alegria, orgulho e respeito e ainda reverenciarem sua história, seus santos, seus antepassados, suas crenças, seus símbolos e legar toda essa riqueza cultural e histórica para as futuras gerações. Vale ressaltar que a Dança do Marabaixo é uma das maiores manifestações culturais de matriz africana do Estado do Amapá.

Em relação ao significado do nome Marabaixo, os sujeitos de pesquisa deixam claro pouco saberem a respeito de sua origem. Muito embora, possa lembrar a penosa travessia dos africanos nas naus escravistas mar-a-baixo dando origem por aglutinação das sílabas a Marabaixo. Quando perguntados sobre a origem étnica desta dança, afirmam categoricamente que é uma manifestação cultural de matriz africana que foi trazida para o Estado do Amapá pelos seus ancestrais africanos.

O calendário festivo religioso e lúdico desta manifestação cultural tem seu ciclo iniciado logo após a semana santa, e no domingo – segundo dia é realizado no Laguinho. Sendo assim é flexível modificando-se a cada ano.

Durante a preparação para o festejo alguns símbolos são utilizados citamos, por exemplo, os fogos que são soltos para avisar à comunidade negra e em geral que haverá Marabaixo e quando da dança propriamente dita provocando risos, gritos e excitação nos participantes. Mas, repousa sobre as caixas, instrumentos de percussão fabricados rusticamente e percutidos com baquetas, a forma de comunicação mais ancestral deste festejo.

Desde cedo o/a festeiro/a, responsável pela organização do “Ciclo do Marabaixo”, escolhido/a no dia da “derrubada” do mastro que marca o encerramento do festejo – ou um familiar deste, deposita as caixas no centro do barracão, lugar onde é realizado à dança propriamente dita. De hora em hora as caixas, instrumentos de percussão, são tocadas para avisar e chamar a comunidade para o início da festa.

Na concepção de mundo africano os tambores são vivos e servem para chamar os espíritos dos antepassados. A propagação de seu som é capaz de ultrapassar os limites geográficos, pois podem ser ouvidos nos bairros circunvizinhos do bairro do Laguinho, localizado hoje no centro da cidade de Macapá (ACHEBE, 1983).

Destacamos ainda, a tradicional ‘Gengibirra’, bebida típica servida abundantemente durante a festa com a responsabilidade de deixar os dançantes com energia suficiente para dançar a noite toda. Segundo os sujeitos da pesquisa, esta bebida é afrodisíaca e quem não sabe bebe-la, degustando sem moderação, acaba fazendo besteira. E para dar sustança é servido o tradicional caldo - cozido de carne bovina com verduras e legumes, o qual é servido a todos que participam da festa acompanhado de arroz e farinha de mandioca.

A parte estética do traje típico é simples e bem composta, sendo saia rodada de pala com estampas coloridas com motivos florais de cor, tons e comprimentos variados, anágua, blusa na cor branca e diversos tons com folho adornado com bordado inglês ou rendas de cores variadas, sandália baixa, colares, pulseiras e argolas, flores no cabelo e toalha sobre o ombro. Além da beleza singular de cada dançadeira no momento do bailado da dança que é mostrado também quando o cortejo afrodescendente denominado de ‘Marabaixo de Rua’ sai percorrendo as ruas e avenidas do bairro para saudar o santo padroeiro ‘São Benedito’ e apanhar a murta- espécie de planta da família das mirtáceas, das melastomatáceas ou das rubiáceas.

A murta é atribuída muitas propriedades, sendo usadas em banhos, amuletos, defumações e “trabalhos espirituais”. Dentro do festejo do Marabaixo os sujeitos da pesquisa não associam a utilização da murta com as religiões afro-brasileiras e/ou práticas mediúnicas. Muito embora, pensamos que existe tal ligação em virtude de ser uma prática antiga legada até a atualidade por nossos ascendentes afros o trato e habilidade com as ervas e plantas medicinais para fins de cura de doenças, proteção e limpeza corporal e espiritual (CACCIATORE, 1988).

O mastro, elemento que é adornado com a murta e é erguido com a bandeira dos santos festejados é também transladado pelo cortejo afrodescendente de acordo com o calendário lúdico do ciclo.

O lado religioso tem como principal símbolo as coroas em prata e ouro maciços dos santos festejados: Divino Espírito Santo - tem a cor vermelha como representação e a Santíssima Trindade - tem a cor azul como referência, ambos são reverenciados em um oratório, enfeitado com flores, fitas e acompanhados de outros santos de devoção da família responsável pela organização da festa e recebem os pagamentos das promessas de seus devotos durante as novenas rezadas em latim popular todas as noites a partir das dezenove horas na casa do/da festeiro/a. Tal prática ritualística é mantida secularmente pelas Comunidades Quilombolas também

localizadas na zona rural do Estado do Amapá, quais sejam: Mazagão Velho, Maruanum, Ilha Redonda, Campina Grande, Lagoa dos Índios, Mata Fome, Curiáu, dentre outras. Em todos esses territórios de preto é possível perceber que a Dança do Marabaixo sofreu poucas transformações no decorrer dos séculos. Apesar do Amapá apresentar um número crescente de migrações oriundas dos estados do Pará e Maranhão, do primeiro em maior incidência, mas a cultura local ainda não incorporou elementos da cultura destes estados.

## **A Dança**

Na Dança do Marabaixo os movimentos das partes superiores do corpo, cabeça, braço e ombro são simples, assim como os das partes inferiores, quadril, pernas e pés. As mulheres dançam segurando a saia comprida e rodada num bailado cadenciado que envolve deslocamentos laterais, gingas corporais para frente e para trás e giros em todas as direções seguidos dos braços. Os quadris são requebrados e empurrados para frente, trás e ambos os lados. Dependendo da melodia da cantiga, se fôr lenta e triste, e/ou ritmada as dançadeiras tradicionais dançam marcando em um/dois o tempo e o compasso da música.

Dentro desta dança os partícipes seguem o passo básico de pés arrastados um seguido do outro, mas não ficam presos às regras, padrões e modelos, ou seja, todos dançam, desenvolvem suas singularidades e expressam seus sentimentos por intermédio do Marabaixo. A liberdade, criatividade e desenvolvimento individual na dança possibilitam aos brincantes embalarem seus corpos como desejarem.

## **As/Os dançantes**

Os/as mantenedores/as desta tradição afro dançam sorridentes, felizes por reencontrarem seus/as parentes e conterrâneos, bem como, melancólicos, saudosos e introspectivos por lembrarem de seus ascendentes que sofreram como escravos, parentes em outro plano espiritual, e pessoas que lhes são especiais acometidas de doenças que as impossibilitam de participar das festas.

As mulheres e os homens da comunidade se reconhecem como negras/os e no caso das mulheres tem idades cronológicas variando entre 50, 60, 70, 80 e 104 anos de pura lucidez e sabedoria que é a idade de Tereza Rosa dos Santos, carinhosamente

conhecida como ‘Tia Tereza’, a cantadeira e dançadeira mais antiga do Marabaixo do Laguinho.

Os homens têm idade que varia de 55 a 80, 87 anos aproximadamente, mas nenhum tem idade superior e nem tampouco equivalente a da ‘Tia Tereza’. Os descendentes dos mais antigos, igualmente participantes desta afrodança têm idade de 20,30,40,50 decrescendo até chegar a 2 e 1 ano de idade.

Em relação ao desenvolvimento da dança os homens cortejam a dama com movimentos corpóreos cheios de “catimba, graça e presepada”. Ora se agacham como se fossem cair, ora ficam saculejando os ombros, ora abrem as pernas inclinando-se à frente e marcando a cadência da dança com os pés arrastados um seguido do outro e/ou paralelos com passos miúdos.

Sendo assim, o Marabaixo é uma dança afrodescendente que dançam adultos, jovens e crianças de todas as idades entre homens e mulheres. Não há limite de participantes e se aprende a dançar e a tocar, dançando, tocando dentro das comunidades negras. Em alguns casos as pessoas mais antigas sentam com as crianças para ensinar-lhes sobre a tradição, seus princípios e sentidos. O conhecimento sobre a dança e a história do Marabaixo é transmitido por intermédio da oralidade pelos mais antigos aos mais jovens. As mulheres são a maioria nessa dança, como dançadeiras, cantadeiras e responsáveis pela preparação da comida. Os homens se ocupam de fazer a gengibirra, soltar os fogos, tocam as caixas e alguns cantam os ladrões do Marabaixo.

Ressaltamos ainda que a Dança do Marabaixo dentro da comunidade do Laguinho não é ensaiada para fins de espetáculo, muito embora, os grupos de danças tradicionais deste bairro cumpram uma agenda intensa de apresentações artísticas dentro do Estado do Amapá, em países estrangeiros como Guiana Francesa e em vários estados brasileiros, participando de eventos socioculturais promovidos pelos governos municipal e estadual do Amapá, iniciativa privada, Ong’s e governo federal.

Portanto, a história e a cultura dos afroamapaenses são transmitidas às novas gerações como se fossem um “tecido” dentro da tradição cultural africana que representa o simbolismo da transmissão e a propagação da história aos seus descendentes salvaguardando-os as futuras gerações (ACHEBE,1983).

## **5- Considerações Finais**

Os elementos constitutivos desse estudo, junto com seus resultados positivos quanto à amplitude dos dados coletados representam avanço teórico sobre a temática da dança afro. E podem servir concretamente como recurso didático – pedagógico para redesenhar o papel da escola dentro do contexto sociocultural histórico, geográfico, moral, ético e humano na realidade brasileira. Isso significa para a comunidade escolar, em toda a sua extensão técnica, pedagógica e gestora a necessidade de desenvolver, atividades escolares que partam inicialmente das expressões e construções históricas, sociais e culturais da comunidade, ou seja, dos saberes populares expressos nas várias formas de comunicação verbal e não verbal, os quais precisam ser conhecidos e respeitados dentro do contexto educacional formal.

De acordo com esse contexto, os órgãos gestores da educação brasileira no Estado do Amapá e nacional, bem como, os educadores devem ter a compreensão de que o educando vai à escola para aprender o conhecimento da ciência e não para esquecer seus saberes construídos dentro de suas famílias, grupos étnicos e comunidades.

Trabalhar as expressões étnico-culturais e religiosas trazidas pelos educandos ao ambiente escolar, e potencializa-las significa oportunizar a estes o conhecimento de si e de outrem. De certo, essa vivência lhes permitirá entender a pluralidade da sociedade e dos sujeitos que a compõem com suas especificidades. Essas marcas culturais, não significam desigualdades sociais nem tampouco inferioridade cultural, são portanto, referenciais étnicos, culturais, identitários e religiosos da sociedade brasileira que é formada por pessoas que pertencem a grupos étnicos distintos. Esses grupos possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que, em conjunto constroem na nação brasileira sua história.

A aprovação da Lei Nº 10.639/03, alterada pela Lei nº 11.645/08, é concretamente uma possibilidade de se corrigir as injustiças e desigualdades históricas produzidas pelo período do escravismo criminoso brasileiro, que violentamente empurrou africanos raptados da África e trazidos na condição de escravos ao Brasil, para a “zona do não ser”.

As marcas produzidas por essa situação histórica, vivenciada pelos afrodescendentes no Brasil, refletem-se negativamente sobre estes na contemporaneidade. Segundo dados oficiais, atualmente 47% da população

afrodescendente brasileira são vítimas de fortes desigualdades sócio-econômicas e educacionais (IPEA, 2001).

Diante desse contexto acreditamos que a concretização do dispositivo legal Nº 10.639/03, tornará possível aos educandos e comunidade educacional em geral ações formativas e informativas sobre a história e cultura africana e afrodescendente, destarte, evitando os equívocos e as interpretações distorcidas sobre a teia de saberes , símbolos e sentidos que formam tais etnias.

O que educadores/as e militantes dos Movimentos Sociais Negros ensejam é a quebra dos imensos silêncios realizados no campo da educação em relação aos diversos temas relativos à população afrodescendente (CUNHA, 2001).

Portanto, pensamos ser relevante valorizar e respeitar as diversas construções históricas, sociais e culturais de cada educando e trazê-las para dialogar com os saberes escolares. A relação entre esses saberes não deve ser dicotômica e sim de complementaridade. Os resultados aqui apresentados com o desenvolvimento da pesquisa na comunidade afro do bairro do Laguinho, na capital Macapá - Estado do Amapá trata-se de um trabalho acadêmico que revela como fundamentar a educação para as relações étnicas no Estado do Amapá. Não é o único caminho, mas pelo menos é um fértil caminho.

## 6- Referências

ACHEBE, C. **O mundo se despedaça**. Trad. De Wera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção de autores Africanos – Romance Nigeriano).

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília-DF, 2004.

CACCIATORE, O. G., **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. 3ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1988.

CUNHA JR, Henrique. **Africanidade, Afrodescendência e Educação**. Fortaleza-CE: Revista Educação em Debate. Ano 23, v.2, numero 42, pp 5-15, 2001.

\_\_\_\_\_. **Afrodança: Uma definição conceitual**. Fortaleza: Notas de Aula. Disciplina de Pós-graduação Cultura Brasileira e Educação. 2002.

ENNES, F. C. M. Capoeira: herança educativa de um povo. In XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Caxambu-MG, 2001.

HENRIQUES, R. **Desigualdade racial no Brasil**: evolução das condições de vida na década de 90. Brasília: IPEA,2001.

LIMA, Vicente. **As atividades culturais do negro do Brasil**. Recife, s.n, 35f, 1982.

ENNES, F C. M. **Capoeira: herança educativa de um povo**. In XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte . Caxambu-MG,2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 1996.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, Dança Afrodescendente: reconstruindo a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza, CE: Relatório de Pesquisa. 2004.